

# Indicadores de Fluência na leitura em voz alta de indivíduos gagos

*Teresa Condelipes*

CLUL / Laboratório de Psicolinguística

## Abstract

Assuming that reading fluency is strongly influenced by the linguistic properties of reading materials, we intended to evaluate the reading performance of stutterers and non-stutterers subjects. Our goal is to verify if pauses can be considered a non-fluent speech event. In this study, we examined the pauses in their occurrence frequency level. Data showed that despite the non-stutterers produced less intonational phrases, they also presented a non-fluent reading. Similar to what was observed by Cruz (2009) most of the pauses respect the syntactic and intonational boundaries in both groups of subjects. Attending the pauses location, they cannot be considered as a non-fluent speech event.

**Keywords:** reading fluency, linguistic properties, stuttering, pauses location, non-fluent speech event.

**Palavras-chave:** fluência na leitura, propriedades linguísticas, gaguez, localização das pausas, eventos disfluente.

## 0. Introdução

A fluência na leitura pode ser medida através de três fortes indicadores: a velocidade de elocução (número de palavras lidas por minuto), a precisão (hesitações, pausas e outros eventos que podem surgir na fala) e a organização prosódica, neste estudo, em particular, no domínio do fraseamento prosódico (Selkirk, 1986; Nespor & Vogel, 1986; Hudson *et al.*, 2009).

Este trabalho pretende avaliar o desempenho de leitores com uma patologia conhecida como gaguez e de leitores considerados fluentes. Temos como objectivo retomar questões que não foram analisadas em Condelipes (2010), nomeadamente, verificar se as pausas (silenciosas e preenchidas) podem ou não ser consideradas como um evento de disfluência. Nesse estudo, as pausas foram estudadas ao nível da frequência de ocorrência e não quanto à localização.

Partindo dos dados encontrados em Condelipes (2010), espera-se verificar que as pausas nos indivíduos gagos são fluentes, isto é, que ocorrem maioritariamente em

fronteiras sintáticas e entoacionais previstas, apesar do tipo de discurso que estes informantes apresentam. No estudo que tomamos como referência (Cruz, 2009), a autora verificou que as pausas são maioritariamente fluentes, mesmo no discurso dos gagos, ocorrendo, como esperado no PE, essencialmente como marcadores fronteira direita dos sintagmas entoacionais.

### 1. Fluência na leitura

(...) reading fluency is achieved so that performance is speeded, seemingly effortless, autonomous, and achieved without much consciousness or awareness (Logan, 1997).

In Fuchs, Fuchs, Hosp, & Jenkins (2001)

Para que um leitor consiga compreender e interpretar um texto escrito, o leitor tem de recorrer a estratégias que poderão privilegiar níveis mais baixos (grafémico-fonológico, lexical) ou níveis mais altos (sintático, semântico). Segundo LaBerge & Samuels (1985), algumas dessas estratégias de interpretação de enunciados são realizadas de forma rápida e, quase sempre, de forma automática, permitindo que os mecanismos atencionais se foquem noutras tarefas, ou seja, a atenção deixa de estar tão focada na descodificação, ou nos mecanismos específicos da leitura, e passa a estar mais focada na interpretação do enunciado. Todavia, existem situações em que a automaticidade pode ser quebrada e, desse modo, somos obrigados a reformular ou a reinterpretar uma análise inicialmente realizada. Essas situações são sobretudo criadas por estruturas complexas, agramaticais ou mesmo temporariamente ambíguas (Luegi *et al.*, 2007a)

No nível lexical, o leitor reconhece as palavras e acede às suas representações mentais, estabelecendo relações entre elas, de modo a respeitar os níveis de especificação para cada entrada lexical enquanto no nível grafémico-fonológico, o leitor tem de saber que as realizações fonéticas nem sempre correspondem à forma escrita. Nos níveis mais altos, é exigido ao leitor que conheça as funções sintáticas e os papéis semânticos que os constituintes podem desempenhar, atendendo à estrutura onde estes se encaixam. Por último, é preciso ainda que haja uma ponderação de informação pragmática que filtre a interpretação obtida e avalie a sua compatibilidade com o contexto, com o conhecimento do mundo e com os modelos mentais determinantes para a compreensão. Em suma, é necessário trabalhar sobre um nível formal, através de uma diversidade de pistas linguísticas disponíveis, para se chegar a um nível funcional que permite a elaboração de uma interpretação do material escrito em termos do seu valor comunicativo (Costa, 2005)

A fluência na leitura pode ser medida através de três fortes indicadores: a velocidade de elocução (número de palavras lidas por minuto), a precisão (hesitações, pausas e outros eventos que podem surgir na fala) e a organização prosódica, neste

estudo, em particular, no domínio do fraseamento prosódico (Selkirk, 1986; Nespor & Vogel, 1986; Hudson *et al.*, 2009).

## 2. Gaguez como uma perturbação da fala

No discurso de um qualquer falante podem ocorrer alongamentos excessivos, fragmentos de palavras, hesitações e reformulações que pela sua rápida inserção quase se tornam imperceptíveis, quer para o locutor quer para o ouvinte (Moniz, 2006). Neste caso, as disfluências não são mais do que quebras no contínuo sonoro que, no entanto, não impedem a boa fluência discursiva. De acordo com Guitar (2006), o termo disfluência é usado para denotar interrupções na fala que podem ser normais ou patológicas, isto é, tanto pode caracterizar eventos que ocorrem num discurso normal como, por exemplo, pausas, repetições, hesitações, como pode descrever propriedades na fala de uma criança que coloca dúvidas sobre traços eventualmente patológicos. Lavid (2003) define a gaguez como sendo o resultado de um discurso com quebras e/ou interrupções no fluxo discursivo. De acordo com a bibliografia consultada (Kehoe, 2006; Lavid, 2003), o que permite identificar um indivíduo como gago são os sintomas que vão além das disfluências comunmente identificadas como, por exemplo, comportamentos secundários que ocorrem involuntariamente sob a forma de piscar de olhos, descoordenação respiratória, movimentos com a cabeça, tremor dos lábios e língua e a ansiedade antecipatória que é desencadeada pelo medo, frustração e vergonha sentidos no momento de elocução.

### 2.1. As diferentes naturezas da Gaguez

Segundo alguns investigadores (Guitar, 2006; Kehoe, 2006; Ward, 2006), podem-se identificar dois tipos de gaguez: a *gaguez de desenvolvimento* e a *gaguez adquirida*. A *gaguez de desenvolvimento* manifesta-se na infância, durante o período de aquisição. A *gaguez adquirida*, que difere da gaguez de desenvolvimento por surgir em estádios tardios, subdivide-se em *gaguez psicogénica* e *gaguez neurológica*. A primeira pode resultar de factores psicológicos, como por exemplo, a morte de um familiar, de maus tratos psicológicos e /ou físicos que diminuem a auto-estima (Ward, 2006), enquanto a segunda tem uma origem neurológica, podendo, por exemplo, estar relacionada com fenómenos degenerativos (Castro Caldas, 1999).

### 2.2. Estudos elaborados para o PE na perspectiva linguística

Na área da Linguística, até onde nos foi possível apurar, encontram-se os estudos de Cruz (2009) e de Condelpes (2010). O estudo de Cruz (2009), com base nos trabalhos de Arbisi-Kelm (2006) e Hubbard (1998), procura traçar um padrão prosódico e entoacional da gaguez, a partir de dados de interação verbal informal e de leitura de

dois indivíduos adultos, comparando os dados obtidos com os dados de dois indivíduos considerados fluentes. A autora verifica que os sujeitos gagos não apresentam padrão tonal reduzido em relação aos sujeitos não gagos, tendo em conta o padrão traçado para o PE por Frota (2000a, 2009). Contrariamente ao observado por Arbisi-Kelm (2006) para o Inglês, Cruz (2009) não encontra diferenças relevantes, em termos de frequência de ocorrência de eventos de disfluência entre as tarefas de conversação e de leitura.

Como características prosódicas da gaguez, a autora destaca (a) maior densidade de acentos tonais por sintagma entoacional; (b) sintagmas entoacionais mais curtos; (c) produção excessiva de bloqueios, repetições, pausas preenchidas, correções e eventos compostos; (d) a importância do sintagma fonológico, em posição inicial, na distribuição dos eventos; (e) o acento e a fronteira inicial de palavra prosódica como os alvos preferenciais dos eventos. Quanto às pausas, a autora verificou que as pausas são maioritariamente fluentes, mesmo no discurso dos gagos, ocorrendo, como esperado no PE, essencialmente como marcadores da fronteira direita dos sintagmas entoacionais.

Em suma, Cruz (2009) concluiu que tanto os sujeitos gagos como os sujeitos não gagos apresentam a melodia mínima do PE (um acento nuclear e um tom de fronteira). Os eventos tonais não nucleares e os núcleos servem de *triggers* para ambos os grupos de indivíduos, não existindo assim diferenciação entre gagos e não gagos nestes dois domínios.

O estudo de Condalipes (2010) pretende estudar a gaguez na perspectiva da Linguística e Psicolinguística. Para tal, elaboraram-se três tarefas linguísticas: Leitura em voz alta; Resumo de Leitura e Leitura de Palavras Isoladas. Destas, iremos apenas referir dados das duas primeiras tarefas. Através dos resultados obtidos em cada uma das tarefas, avaliou-se o nível de fluência dos sujeitos, tentando-se identificar indicadores de disfluência, considerando as propriedades específicas de cada tarefa. Na tarefa de Leitura em voz alta, o guião encontra-se feito e os informantes limitam-se a produzir um discurso sequencialmente enquanto na tarefa de Resumo de Leitura, os informantes produzem um discurso sem registo prévio, mais ou menos espontâneo, que pode ajudar a discriminar o comportamento dos dois grupos.

Avaliando o poder discriminatório das tarefas, verifica-se que ambas as tarefas têm poder discriminatório, uma vez que nos permitem distinguir entre os grupos de informantes. Na tarefa de Leitura em voz alta, os dois grupos de informantes realizam poucos eventos disfluentes. Desses eventos, as pausas silenciosas foram o evento que mais se destacou nos dois textos e em ambos os grupos de informantes. No entanto, notou-se que esse evento foi mais frequente nos indivíduos não gagos (85%) do que nos indivíduos gagos (58%). Este resultado leva-nos a concluir que as pausas silenciosas não devem ser consideradas como evento de disfluência porque estas servem para ajudar a integrar a informação e para organizar o discurso, o que tem sido descrito na literatura (Goldman-Eisler, 1968; Delgado-Martins, 1992, 2002). De um modo geral,

observou-se que o discurso dos gogos é fortemente marcado por eventos de outras categorias, tais como repetições, bloqueios e alongamentos. Todavia, note-se que entre os eventos disfluentes realizados, os bloqueios discriminam entre os dois grupos de informantes, sendo exclusivo dos indivíduos gogos. Comparando as duas tarefas, verifica-se que a tarefa de Resumo de Leitura apresenta mais poder discriminatório do que a tarefa de Leitura em voz alta porque a tipologia de tarefa cria condições para a produção de mais eventos de disfluência, o que pode ajudar a discriminar indivíduos gogos de indivíduos não gogos. Esta afirmação é corroborada pelo aumento substancial dos eventos de disfluência nos dois grupos. Note-se que a distribuição dos eventos disfluentes não foi simétrica entre os dois grupos de informantes: as repetições continuam a atingir valores mais altos no discurso dos gogos (22%) do que no discurso dos não gogos (7%), enquanto as pausas preenchidas atingem valores mais altos no discurso dos não gogos (23%) do que no discurso dos gogos (12%). Relativamente aos alongamentos, estes deixam de distinguir informantes gogos (17%) de informantes não gogos (15%) por apresentarem uma distribuição idêntica. Como observado na tarefa de Leitura em voz alta, as pausas silenciosas continuam a ser o evento mais frequente (SU\_GAGOS: 34% e SU\_NGAGOS: 45%), apesar de se ter registado uma diminuição de frequência em ambos os grupos de informantes. O facto de as pausas silenciosas se manterem como o evento mais frequente em ambos os grupos e de as pausas preenchidas atingirem valores mais altos no discurso dos indivíduos não gogos, reforça a afirmação de que as pausas, quer silenciosas quer preenchidas, são indicadores da organização do discurso, logo as pausas não devem ser consideradas como um evento de disfluência. Esta afirmação é sustentada pelo estudo pioneiro de Goldman-Eisler (1968), que foi das primeiras investigadoras a estabelecer uma relação entre o funcionamento das pausas e o processamento da informação verbal.

### **3. Estudo**

O presente trabalho de investigação pretende avaliar o desempenho de leitores com uma patologia conhecida como gaguez e de leitores considerados fluentes. Temos como objectivo retomar questões que não foram analisadas em Condelpes (2010), nomeadamente, verificar se as pausas (silenciosas e preenchidas) podem ou não ser consideradas como um evento de disfluência. Nesse estudo, as pausas foram estudadas ao nível da frequência de ocorrência e não quanto à localização.

#### **3.1. Hipóteses**

Assumindo que os sujeitos gogos apresentam um discurso marcado por eventos disfluentes, tais como bloqueios, repetições e alongamentos, espera-se que esses eventos condicionem o discurso destes sujeitos, levando-os a produzir um discurso com quebras

a nível sintáctico, entoacional e prosódico. Estabeleceu-se assim como primeira hipótese:

- (i) Os informantes gagos, devido ao seu tipo de discurso, apresentarão mais sintagmas entoacionais do que os informantes de controlo;

Sabendo que, de um modo geral, as pausas servem para ajudar a integrar a informação e para organizar o discurso (Goldman-Eisler, 1968; Delgado-Martins, 1992, 2002) e que no discurso dos gagos, as pausas são apontadas como sendo uma estratégia de redução de gaguez, podendo estas antecipar um evento de gaguez (gaguez antecipatória) ou surgir antes de um bloqueio, em que a maioria das pausas observadas surge entre as palavras e não no interior das mesmas (Reitzes, 2006), espera-se que tanto nos informantes gagos como nos informantes não gagos, as pausas respeitem as fronteiras sintácticas e entoacionais previstas. Estabeleceu-se assim como segunda hipótese:

- (ii) Analisando as pausas quanto à localização, espera-se que as mesmas, na sua maioria, sejam fluentes no discurso dos informantes gagos e dos informantes não gagos.

### 3.2. Amostra

Neste estudo contou-se com a participação de 8 informantes gagos (grupo experimental) e 8 informantes não gagos (grupo de controlo), com média de idade de 25 anos e falantes nativos do Português Europeu.

### 3.3. Materiais

Seleccionaram-se dois textos, “Campo de Ourique” e “A Amazónia”, que foram manipulados por Costa (1991) no domínio da acessibilidade e familiaridade do tema, da estrutura informacional e sintáctica, das propriedades lexicais (estrutura morfológica e silábica, a frequência das palavras, tamanho das palavras), da especificidade do vocabulário e do *layout* (título, parágrafos e aspectos tipográficos).

Os textos resultantes são típicas passagens descritivas, constituídos por um título, que representa o seu tema, e 6 parágrafos. Cada parágrafo introduz um novo tópico, fortemente relacionado com o tema e a informação progride de forma constante, através da adição de novos temas relacionados.

Os dois textos têm aproximadamente o mesmo número de palavras: T1 com 204 palavras e T2 com 202 palavras. Os textos têm a mesma estrutura gráfica: título centralizado em letras maiúsculas em negrito; fonte não-serif - Helvetica - 14pts tamanho, espaçamento de linha dupla, parágrafo justificado com recuo; margens 3x3.

Quanto à estrutura sintáctica, os dois textos contêm estruturas com a mesma distribuição: (a) raiz de frases declarativas com sujeito nulo; infinitivo flexionado, (b) sujeito e objecto de orações relativas; Wh-clauses com sujeito pós-verbal, (c) pronomes clíticos; ênclise e próclise; cadeias correferencial, (d) frases activa e passiva; construções inacusativas.

Tendo em conta a natureza do estudo, para cada um dos textos, construiu-se uma matriz prosódica com o que consideramos ser o padrão esperado. Exemplifica-se, abaixo, os sintagmas entoacionais esperados no primeiro parágrafo de cada um dos textos:

#### Texto 1

[Campo de Ourique é um bairro de Lisboa]I [com hábitos extraordinários]I [que parecem ter parado no tempo.]I

#### Texto 2

[A floresta amazónica é um território]I [com surpreendente resistência a toda a agressão humana]I [que tenta devastá-la desde há quatrocentos anos.]I

Para uma leitura fluente, espera-se que o T1 apresente entre 27 e 33 sintagmas entoacionais e que o T2 apresente entre 25 e 30 sintagmas entoacionais.

### **4. Resultados**

Os resultados são analisados de acordo com os três indicadores medidos: a velocidade de elocução (número de palavras lidas por minuto), a precisão (hesitações, pausas e outros eventos que podem surgir na fala) e a organização prosódica, neste estudo, em particular, no domínio do fraseamento prosódico (Selkirk, 1986; Nespor & Vogel, 1986; Hudson *et al.*, 2009).

Atendendo ao primeiro item de análise, velocidade de elocução, os dados mostram-nos que não existem diferenças entre os dois textos e entre os dois grupos de informantes, como se pode observar na tabela 1.

		Texto 1	Texto 2
Inf gagos	TTL (minutos)	11,13	11,84
	n° sílabas	431	454
	Total de palavras lidas	204	202
<b>n° sílabas /min</b>		<b>39</b>	<b>38</b>

  

		Texto 1	Texto 2
Inf não gagos	TTL (minutos)	10,78	10,33
	n° sílabas	431	454
	Total de palavras lidas	204	202
<b>n° sílabas /min</b>		<b>40</b>	<b>44</b>

Tabela 1: Velocidade de elocução dos dois grupos de informantes.  
Legenda: TTL – Tempo Total de Leitura.

Analisando as disfluências produzidas por cada um dos grupos de informantes, os dados indicam-nos que, como esperado, os informantes gagos apresentam, a nível percentual, mais eventos de disfluência do que os informantes de controlo. Os BLO (Bloqueios), TRUNC (Truncações) e EvComp (Eventos Compostos) são os eventos que surgem como sendo exclusivos dos informantes gagos (Condelipes, 2010).

Eventos	Inf gagos	Inf não gagos
P Sil	58%	84%
REP	14%	3%
BLO	10%	
ALONG	5%	0,5%
SUB	2%	0,5%
PH	2%	2%
CORR	1%	5%
INS	1%	1%
TRUNC	0,5%	
EvComp	6%	
PP	0,25%	2%
d	0,25%	2%

Tabela 2: Percentagem dos eventos encontrados nos dois textos para os dois grupos de informantes. Legenda: P Sil – Pausas Silenciosas; REP – Repetições; BLO – Bloqueios; ALONG – Alongamentos; SUB – Substituições; PH – Erros Fonéticos; CORR – Correções; INS – Inserções; TRUNC – Truncações; EvComp – Eventos Compostos; PP – Pausas Preenchidas; d – Apagamentos.



Para analisar a organização prosódica, no domínio do fraseamento prosódico, confrontaram-se as matrizes prosódicas esperadas para cada um dos textos com as produções dos falantes. Verificou-se que os informantes gagos realizam mais sintagmas entoacionais do que os informantes de controlo, tal como era esperado.

	Total de IP's	
	Texto 1	Texto 2
<b>Inf gagos</b>	entre 29 e 49	entre 27 e 46
<b>Inf não gagos</b>	entre 25 e 35	entre 25 e 36

Tabela 3: Total de IP's dos dois grupos de informantes.

Legenda: IP's: sintagmas entoacionais.

Analisando a ocorrência das pausas nos textos quanto à localização, verifica-se que:

- (a) nos informantes gagos, apenas 143 pausas do número total de pausas produzidas nos dois textos (438 pausas) são disfluentes, o que corresponde a uma percentagem de **33%**;
- (b) nos informantes de controlo, apenas 63 do número total de pausas produzidas nos dois textos (285 pausas) são disfluentes, o que corresponde a uma percentagem de **22%**.

## 5. Discussão dos resultados

Atendendo aos três indicadores medidos (a velocidade de elocução, a precisão e a organização prosódica), verifica-se que a precisão e a organização prosódicas são os indicadores que permitem distinguir entre grupos de informantes.

Relativamente à precisão, observa-se que os informantes gagos apresentam, a nível percentual, mais eventos disfluentes do que os informantes não gagos. Verifica-se também que existem eventos disfluentes que são exclusivos dos discursos dos gagos, como os BLO, as TRUNC e os EvComp (Condelipes, 2010). Quanto aos eventos disfluentes partilhados por ambos os grupos de informantes, verifica-se que as P Sil são o evento disfluyente comum aos dois grupos de informantes, sendo este mais frequente, a nível percentual, no grupo dos informantes não gagos (84%) do que nos informantes gagos (58%). Este resultado foi inesperado, uma vez que se esperava o contrário, tendo em conta o que tem sido discutido na literatura encontrada (Reitzes, 2006). Todavia, ao consultar literatura especializada, verifica-se que as pausas servem para ajudar a integrar a informação e para organizar o discurso (Goldman-Eisler, 1968; Delgado-Martins, 1992, 2002). Esta asserção leva-nos a concluir que as pausas não devem ser consideradas como eventos de disfluência (Condelipes, 2010). Ao analisarmos a

localização das pausas, observa-se que a maioria das pausas detectadas ocorre nas fronteiras sintáticas e prosódicas previstas em ambos os grupos de informantes:

Excerto do texto “ A Amazónia” (T2)

Informante gago: AA\_81

«...» [O rio Amazonas,] I [o maior do mundo em volume de águas transportadas,[p sil fluente]<sup>1</sup>] I [apresenta-se como fulcro [p sil disfluente] desta imensa floresta] I [do tamanho dos Estados Unidos [p sil fluente,] I [A complexa bacia hidrográfica do amazonas é constituída por mil e cem afluentes [p sil fluente,] I [alguns dos quais [p sil disfluente] têm mais de dois mil quilómetros de comprimento,] I [onde existem para cima de mil e quinhentas espécies [p sil disfluente] diferentes de peixe [p sil fluente,] I

Informante não gago: AM\_85

«...» [O rio Amazonas [p sil fluente,] I [o maior do mundo [p sil disfluente] em volume de águas transportadas [p sil fluente,] I [apresenta-se como fulcro desta imensa floresta] I [do tamanho dos Estados Unidos [p sil fluente,] I [A complexa bacia hidrográfica do amazonas [p sil fluente]<sup>2</sup> é constituída por mil [p sil disfluente] e cem afluentes [p sil fluente,] I [alguns dos quais [p sil disfluente] têm mais de dois mil quilómetros de comprimento [p sil fluente,] I [onde existem [p sil disfluente] para cima de mil e quinhentas espécies diferentes de peixe [p sil fluente,] I

Apesar de só termos colocado um excerto exemplificativo de um dos textos e de um informante de cada um dos grupos, verifica-se que tanto os informantes gagos como os informantes de controlo produzem sintagmas entoacionais em lugares pouco expectáveis. Deste modo, pode-se afirmar que os informantes não gagos também podem apresentar uma leitura disfluente.

Analisando a ocorrência das pausas nos textos quanto à localização, verifica-se que, a nível percentual, 25% das pausas produzidas pelos informantes gagos são fluentes<sup>3</sup>, enquanto para os informantes não gagos, observa-se que, a nível percentual,

<sup>1</sup> Considerou-se como valor de pausa 220 ms, tendo por base o valor de referência do estudo de Frota & Jorge (1989).

<sup>2</sup> Considerou-se esta pausa fluente, uma vez que esta frase pode ter 4 IP's: [[A complexa bacia hidrográfica do amazonas ] [é constituída por mil e cem afluentes, ]].

<sup>3</sup> Este valor é calculado através da seguinte fórmula:

62% das pausas produzidas por este grupo são fluentes. Estes resultados indicam-nos que os informantes gagos produzem mais pausas disfluentes do que os informantes não gagos. Todavia, se analisarmos as pausas quanto ao seu valor absoluto, verifica-se que apenas 143 pausas do número total de pausas produzidas pelos informantes gagos nos dois textos (438 pausas) são disfluentes, enquanto no discurso dos não gagos apenas 63 do número total de pausas produzidas nos dois textos (285 pausas) são disfluentes. Em termos absolutos, estes valores indicam-nos que, quer no discurso dos informantes gagos quer no discurso dos informantes não gagos, a maioria das pausas produzidas pelos dois grupos de informantes são fluentes, o que vai ao encontro do estudo de Cruz (2009).

Relativamente à organização prosódica, verificou-se que os informantes gagos realizam mais sintagmas entoacionais do que os informantes de controlo, tal como era esperado:

Excerto do texto “ Campo de Ourique” (T1)

Informante gago: MO\_87

[Campo de Ourique é um bairro de Lisboa com hábitos extraordinários] I [[que pareceu ter] I [parado] I [no tempo] I.]<sup>4</sup> [Visto de uma das suas belas esplanadas,] I [o bairro colorido e calmo,] I [[que se vislumbra através dos eléctricos] I [em movimento] I.] I [parece um daqueles bairros antigos dos filmes portugueses.] I

Informante não gago: NM\_84

[Campo de Ourique é um bairro de Lisboa com hábitos extraordinários] I [que pareceu ter parado no tempo.] I [Visto de uma das suas belas esplanadas,] I [o bairro colorido e calmo,] I [que se vislumbra através dos eléctricos em movimento,] I [parece um daqueles bairros antigos dos filmes portugueses.] I

Legenda: [ ] – sintagmas entoacionais expectáveis

[ ] – sintagmas entoacionais não expectáveis

---

Total da % de pausas - o valor % das pausas disfluentes

Ex: 58% - 33% = 25% de pausas fluentes

<sup>4</sup> Esta frase pode ter os seguintes fraseamentos:

(i) [Campo de Ourique é um bairro de Lisboa] I [com hábitos extraordinários] I [que pareceu ter parado no tempo.]

(ii) [Campo de Ourique é um bairro de Lisboa com hábitos extraordinários] I [que pareceu ter parado no tempo.]

Apesar de só termos colocado um excerto exemplificativo de um dos textos e de um informante de cada um dos grupos, verifica-se que os informantes gagos produzem mais sintagmas entoacionais do que os informantes de controlo. Assume-se que isto se deva a uma estratégia desenvolvida nas sessões de terapia da fala, devido aos depoimentos dados pelos informantes gagos no formulário que podemos consultar em Condélices (2010).

## 6. Conclusões

O presente trabalho de investigação, ainda que exploratório, pretende avaliar o desempenho de leitores com uma patologia conhecida como gaguez e de leitores considerados fluentes. Temos como objectivo retomar questões que não foram analisadas em Condélices (2010), nomeadamente, verificar se as pausas (silenciosas e preenchidas) podem ou não ser consideradas como um evento de disfluência. Nesse estudo, as pausas foram estudadas ao nível da frequência de ocorrência e não quanto à localização.

Os dados mostram-nos que os informantes gagos produzem efectivamente mais sintagmas entoacionais do que os informantes de controlo. Pressupõe-se que isto se deva a uma estratégia desenvolvida nas sessões de terapia da fala.

Quanto aos informantes de controlo, apesar de produzirem menos sintagmas entoacionais, os mesmos surgem, por vezes, em lugares pouco expectáveis. Deste modo, pode-se afirmar que este grupo também apresenta uma leitura disfluente.

À semelhança do que foi verificado por Cruz (2009), a maioria das pausas são fluentes nos dois grupos de informantes, isto é, respeitam as fronteiras sintácticas e entoacionais previstas. Tendo como base a localização, as pausas, na sua maioria, não podem ser consideradas como um evento de disfluência.

Retomando as hipóteses levantadas, verifica-se que os dados confirmam que os informantes gagos apresentam mais sintagmas entoacionais do que os informantes de controlo e que a maioria das pausas produzidas pelos dois grupos de informantes é fluente.

## Referências

- Arbisi-Kelm, T. (2006) *An Intonational Analysis of Disfluency Patterns in Stuttering*. PhD dissertation in Linguistics, University of California.
- Castro Caldas, A. (1999). *A Herança de Franz Joseph Gall: O Cérebro ao serviço do Comportamento Humano*. Lisboa: McGraw – Hill.
- Condélices, T. (2010) *Produção de fala por indivíduos gagos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- Costa, A; Falé, I; Faria, I.H. & Condelipes, T. (2011). *Assessing Oral Reading Fluency and Comprehension*. Poster presented to the 10<sup>th</sup> International Symposium of Psycholinguistics Donostia-San Sebastian, Spain, April 13<sup>th</sup>-16<sup>th</sup>, 2011.
- Costa, M<sup>a</sup>A. (2005) *Processamento de Frases em Português Europeu. Aspectos cognitivos e linguísticos implicados na compreensão da linguagem escrita*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Costa, M<sup>a</sup> A. (1991) *Leitura: Compreensão e Processamento Sintático*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Cruz, M. (2009) *Gaguez - Em busca de um padrão prosódico e entoacional*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Delgado-Martins, M<sup>a</sup>.R. & Freitas, M<sup>a</sup>.J. (2002) Contributo para a identificação de elementos estruturadores da entoação na leitura. In Delgado-Martins (org) *Fonética do Português. Trinta Anos de Investigação*. Lisboa: Editorial Caminho. Capítulo 19, pp. 231-240.
- Delgado-Martins, M<sup>a</sup>.R. & Freitas, M<sup>a</sup>.J. (1992) Estratégias de Estruturação Temporal na leitura. *Actas do VIII Encontro Nacional da Associação portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL.
- Frota, S. (2000a) *Prosody and focus in European Portuguese*. Phonological phrasing and intonation. New York: Garland Publishing.
- Frota, S. & Jorge, G. (1989) Para um estudo da organização temporal no discurso de um esquizofrénico paranóide crónico. *Actas do IV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 281-303.
- Fuchs, L.S., Fuchs, D., Hosp, M. & Jenkins, J. (2001) Oral Reading Fluency as an Indicator of Reading Competence: A theoretical empirical, and historical analysis. *Scientific Studies of Reading*, 5(3), pp: 239-256.
- Guitar, B. (2006) *Stuttering: An Integrated Approach to its Nature and Treatment*. 3<sup>a</sup>Edição, Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins.
- Goldman-Eisler, F. (1968) *Psycholinguistics: Experiments in Spontaneous Speech*. London and New York: Academic Press.
- Hubbard, C. (1998) Stuttering, stressed syllables, and word onsets. *Journal of Speech, Language and Hearing Research*, 41, pp. 802-808.
- Hudson, R., Pullen, P., Lane, H. & Torgesen, J. (2009) The Complex Nature of Reading Fluency: A Multidimensional View. *Reading & Writing Quarterly*, 25, pp. 4-32.
- Kehoe, T. D. (2006). *No Miracles Cures: A Multifactorial Guide to Stuttering Therapy*. University College Press.
- LaBerge, D. & Samuels, S. J. (1985) Towards a Theory of Automatic Information Processing in Reading. In Singer & Ruddell (eds.), *Theoretical Models and Processes of Reading*. 3.<sup>a</sup> Edition, Newark, Delaware: International Reading Association, pp. 689-718.

- Lavid, N. (2003) *Understanding Stuttering*. University Press of Mississippi
- Luegi, P., Costa, M. A., Faria, I. (2007a). Mover para ler: o movimento dos olhos durante a leitura de textos. *Actas do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguísticas*, Lisboa, APL, pp. 431-445.
- Moniz, H. (2006) *Contributo para a caracterização dos mecanismos de (dis)fluência no Português Europeu*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Nespor, M. & Vogel, I. (1986) *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications.
- Selkirk, E. (1986). On derived domains in sentence phonology. *Phonology*, 3, pp. 371-405.
- Reitzes, P. (2006) Pausing: Reducing the Frequency of Stuttering. *Journal of Stuttering, Advocacy & Research*, 1, pp. 64-78.
- Ward, D. (2006) *Stuttering and Cluttering. Frameworks for understanding and treatment*. Psychology Press. New York: Taylor & Francis Group.